

## O Casamento do idiota: Alexis ou as contradições da integração social

MARGARITA XANTHAKOU (\*)

A Aldeia do Vento está situada na base dos primeiros contrafortes do Taygetos, numa zona relativamente verdejante para a região. Esparta situa-se a 13 km pela estrada nacional, pelo que a vila se pode considerar afastada; o caminho de acesso é muito mau, o que contribui para explicar porque é que esta aldeia continua ignorada pelo número elevado de turistas que se deslocam de Esparta até às praias meridionais do Peloponeso.

São 750 os habitantes permanentes. No entanto, os soldados aquartelados numa caserna instalada a uma dezena de quilómetros ao sul fazem reinar ali, durante todo o ano, uma certa animação, sobretudo aos fins-de-semana, em que dançam, cantam e bebem durante boa parte da noite, nas poucas tabernas existentes.

É preciso relacionar aqui uma característica particular da população desta comunidade: é composta por um número notável de anti-gos emigrantes regressados ao seu país que

consagraram as economias feitas no estrangeiro à construção de uma casa onde pudessem passar os seus últimos dias. Mas ela é sobretudo composta por homens relativamente jovens (entre os trinta e os quarenta anos, aproximadamente), tendo vivido alguns anos nos Estados Unidos, no Canadá ou na Austrália e que, não tendo podido suportar as suas condições de vida e de trabalho nesses países, tiveram de voltar para a Grécia, psicologicamente traumatizados. A maior parte deles reside com as suas famílias e tem acompanhamento médico; outros foram internados, esporádica ou permanentemente, em hospitais psiquiátricos da capital ou de uma grande cidade da região.

De uma maneira geral, realça-se igualmente o número surpreendente de indivíduos sujeitos a afecções psicopatológicas de diversa ordem, apresentando, ao que parece, certos sintomas maniaco-depressivos, esquizofrénicos, melancólicos, etc., e considerados pelo meio como «doentes». Interrogados, os habitantes da aldeia deram-me uma curiosa «explicação» deste estado de coisas: seria a sombra da montanha que, obscurecendo muito cedo a aldeia situada imediatamente a leste daquela, encurtava os dias; este crepúsculo precoce teria levado desde

---

(\*) Professora de Psicologia (Etnopsiquiatria) — École des Hautes Études en Sciences Sociales — Université René Descartes — Paris — Sorbonne.

sempre os habitantes à melancolia, à tristeza e mesmo ao desespero.

O grande número de emigados que vêm passar as férias à vila, induz igualmente um fenómeno importante na dinâmica do prestígio e das relações sociais no seio da comunidade: nota-se frequentemente, à hora em que na praça central se verifica mais movimento, a forma ostensiva como se passeiam os que «venceram» e que dão a sua volta ao volante de grandes carros americanos, orgulhosamente polidos, enfeitados com acessórios vistosos, com todos os faróis acesos e conduzidos à velocidade de passeio. É ainda esta importância da emigração dos homens que contribui para explicar um outro traço saliente desta aldeia: os celibatários dos dois sexos, frequentes em toda a região, são aqui particularmente numerosos. A partida para o estrangeiro é, na maior parte dos casos, o destino dos rapazes solteiros, o que reduz singularmente as possibilidades matrimoniais das raparigas do sítio, tradicionalmente inclinadas a procurar o cônjuge entre os membros da sua comunidade, devido ao isolamento económico e cultural da região. Mas é preciso tomar em consideração, por outro lado, a fim de compreendermos a amplitude do fenómeno, o efeito de repetição que os casos de celibato «induzido» provocam. Basta que uma irmã mais velha não tenha encontrado «forma para o seu pé» para que as mais novas da família encontrem obstáculos suplementares na procura de um marido, pois os costumes instituíram um paralelismo bastante rigoroso entre a ordem de nascimento e a do casamento nos membros de uma fratria; casos há em que esta tendência põe em risco a possibilidade de casamento de um irmão (pelo menos foi nestes termos que me explicaram os casos de dois «rapazes idosos» que não puderam casar, «porque as suas irmãs não tinham casado»).

É necessário assinalar que esta população beneficia da implantação de um liceu, vantagem que a diferencia das comunidades vizinhas, donde provem grande número dos

alunos deste estabelecimento escolar. Acrescentemos que há bastante tempo se verificou a colocação de um médico no local.

Como em todas as aldeias da região estudada, a cultura da oliveira e o autoconsumo dos produtos hortícolas constituem os principais recursos da aldeia.

Alexis só vivia na aldeia há um ano quando lá efectuei os inquéritos; assim, é necessário fornecer algumas informações sobre a sua aldeia de origem. Está situada a 7 km da Aldeia do Vento, num local mais alto na montanha; o acesso é feito por uma encosta escarpada e construído num terreno muito acidentado.

Apenas 33 pessoas, a maior parte delas idosas, lá residem actualmente; logo após a guerra, contava ainda 600 habitantes, mas a pobreza das terras em redor e o movimento generalizado de emigração que afecta toda a região esvaziaram-na da população. Alexis é bastardo: segundo o que dizem os aldeães, a sua mãe, considerada como «simples de espírito», era criada de um camponês rico que morreu nos Estados Unidos, para onde tinha emigrado definitivamente; embora nunca o tenha reconhecido como tal, este homem era o pai de Alexis. Este, ao que parece, ignora ainda o caso: julga-se «filho de pai incógnito».

Diz-se que a mãe dele, por incapacidade mental, o desleixou em criança: mal tratado, com pouca saúde, não contactava com as outras crianças nem ia à escola. Actualmente, aos 43 anos de idade, não sabe ler nem escrever. Nunca foi sujeito a tratamento médico e tenho poucas informações sobre a sua família (julga-se que, ao contrário da mãe, a avó era uma «mulher inteligente»).

Alexis casou-se aos 41 anos; a sua mulher, originária de uma outra aldeia, era igualmente «simples de espírito»; separaram-se «ao cabo de três dias de vida em comum...» (segundo alguns rumores esta mulher praticaria agora a prostituição em Esparta). Ele não apresenta nenhuma ano-

malia física aparente. A sua alocação é por vezes imperfeita e tem dificuldade em pronunciar certas palavras; os aldeãos acham-no agressivo em certas alturas, mas parece sociável: gosta de falar, de discutir nas esplanadas dos cafés, de gracejar com os transeuntes, etc.

Subsiste graças aos pequenos serviços que presta ocasionalmente aos aldeãos (jardinagem, cuidar dos animais, limpeza...) e aos peditórios, dos quais o resultado é principalmente simbólico, que os alunos do liceu efectuam em seu proveito (o presidente da câmara da vila está actualmente a tentar obter para ele uma pensão regular, alegando incapacidade). Por sua vez, os aldeãos não o poupam nem à troça (aludindo as suas relações com as mulheres e às suas capacidades intelectuais) nem a maus tratos (aborrecem-no empurrando-o, molhando-o, beliscando-o, etc.). Mas estas atitudes de troça, estas condutas agressivas, combinam-se também com a expressão de sentimentos mais ambíguos: amizade e pena, um sentimento incómodo que se traduz algumas vezes por uma indiferença afectada... Este facto manifesta-se nomeadamente através das conotações qualitativas ou alcunhas empregues frequentemente a seu respeito: *trelós* (louco, idiota), *mourlos* (rude, bruto), *vlakas* (estúpido, cretino, imbecil), *anathematismenos* (à letra: «excomungado»), *katarramenos* (maldito), *ftochos* (pobre tipo), *mouni tis Iris* (à letra: «corno da Iris» — sua mulher). Vejamos agora, através das entrevistas nas quais Alexis era o protagonista ou o sujeito, como as suas relações com os aldeãos e as suas particularidades psicológicas podem contribuir para fazer avançar a análise etnopsiquiátrica do personagem «o idiota da aldeia».

A forma como os aldeãos abordam o que é simultaneamente um elemento-chave da biografia de Alexis e um revelador da ambivalência das suas relações com a comunidade — o seu casamento — parece-nos constituir «a experiência crucial» que põe em

evidência as particularidades da sua integração social.

Apresentemos então os protagonistas da tragicomédia:

«Iris, a sua mulher, é uma doida. Um pouco menos que ele, mas mesmo assim uma doida. Como é que se pode querer que dois idiotas vivam juntos?...». Uma união «homogâmica», portanto; tudo está ordenado: filho de uma mulher quase «atrasada» («Ourania, a mãe, era simples de espírito... talvez meio louca, mas honesta»), Alexis, como se pertencesse a uma casta, desposa uma *chazoula* (maluca, frívola, simplória). Primeira semelhança entre a mãe e a esposa, semelhança que o desenrolar da história mostrará não ser a única, nomeadamente aos olhos dos aldeãos.

Alexis acreditara que lhe queriam roubar esta companhia.

«Como a administração levasse algum tempo a entregar-lhe os papéis para se casar», um dia Alexis foi dizer a uma vizinha: «eles não querem dar-me a Iris, fico louco! Iris é minha; é a minha mulher [...], eles querem tirar-ma!». «Eles»: a polícia, as autoridades, «os que podem», dos quais o polícia — na presença de quem Alexis tenta matar-se, primeiro com um navalha, depois com as próprias mãos («foi muito cómico...») — é o representante, o raptor potencial da sua Iris, a cuja suposta perca ele pretendia ostensivamente não sobreviver. Tudo tal como em relação a sua mãe, a quem pretendia acompanhar até ao fim, quando a morte lha raptou: «no dia do enterro, quis segui-la até à sepultura... chorava, gritava, batia na cabeça chamando-a...», lembram muitos aldeãos (o que faz recordar, dizem, o comportamento da mãe quando da morte da sua primeira criança, a irmã de Alexis, que ele não conheceu: «ela rasgava as suas roupas, arrancava, etc., gritando: «quero um filho, hei-de fazer outro!»).

Quanto a Alexis, em relação ao qual já esboçámos os principais traços da biografia,

lembramos simplesmente o facto de se ter casado aos 41 anos, três anos após a morte de sua mãe, e que este casamento constitui um acontecimento surpreendente, já que parece estar em contradição com a vida solitária, com o isolamento social que, até aí, e para além das relações superficiais que mantém com o resto da comunidade, o tinham mantido à margem desta.

Outros actores da cerimónia, não menos importantes: os convidados. Contam-se entre eles todos os habitantes da aldeia, mas também grande número de pessoas vindas de todas as comunidades vizinhas para assistir a estas núpcias pouco vulgares: «vieram para lhe dar prazer», mas também «para o gozarem». A ambivalência destas motivações era manifestada na atitude que consistia em fazer do respeito aos costumes um meio de ridicularizar as normas — e os que as cultivam exagerando os comportamentos até ao burlesco: «vieram para lhe trazer presentes... na praça ele tinha três carros cheios de presentes». Este comportamento encontra o seu paroxismo no segundo acto da representação — a cerimónia propriamente dita — cujo desenrolar os espectadores activos vão interromper de diversas maneiras («o padre interrompeu a missa por três vezes»), sacrificando de forma demasiado «entusiasta» a tradição: «Era de loucos... toda a gente atirava violentamente as amêndoas e o arroz sobre Alexis e Iris e sobre o próprio padre... uma verdadeira batalha. O padre [...] ameaçava retirar-se se aquilo continuasse assim. Mas apesar da ameaça eles continuavam!». Assim, um costume que pode ser interpretado como a sobrevivência de um ritual de fertilidade<sup>(1)</sup> toma aqui o aspecto de uma verdadeira lapidação, que prossegue durante toda a cerimónia, já que «na praça, Alexis e Iris dançam, toda a gente os goza, grita e lhes atira amêndoas».

(1) Ver J. G. Frazer, *Le Bouc-Emissaire. Étude de Comparée d'Histoire des Religions*, Paris, Geuthner, 1925.

Além disso, esta lapidação tem por objecto não só os noivos, como o padre, singular transgressão em plena igreja (não podemos deixar de evocar aqui, para além dos comportamentos frequentemente observados em crianças, ou mesmo em adultos, que lançam pedras ao «idiota da aldeia», os ritos relativos à lapidação cerimonial do bode expiatório — o *Farmakos* — verificado, segundo alguns autores, na Grécia antiga).

Para aqueles ao nível dos quais Alexis poderia esperar aceder graças ao matrimónio (esse último ritual de admissão), estas núpcias não são mais que um «casamento para rir»: fazendo uma farsa da cerimónia que marca a integração social, num dos seus mais importantes aspectos, estes cidadãos decidem «colocá-lo no seu devido lugar» e mantê-lo nessa posição.

Assim, quando o convidei para me acompanhar à taberna e simulei — um tudo ou nada intencionalmente — tratá-lo como a toda a gente, a atitude dos meus interlocutores em geral, se bem que mantendo uma certa reserva a meu respeito, parecia lembrar-me com uma «cortesia» irónica que eu estava a transgredir uma regra que toda a gente devia respeitar — «é uma honra tê-la aqui conosco esta noite... mas surpreendemos o facto de trazer para junto de nós essa besta...»; chegaram mesmo à acusação directa: «está sempre com o Alexis! é escandaloso...».

Parecida com esta é a atitude da aldeã a quem Alexis presta serviço em jardinagem: as observações que ela lhe faz a propósito da sua «familiariedade» comigo são uma forma de se me dirigir indirectamente. Tudo é feito, portanto, para relegar Alexis à sua condição. A tal ponto que ele é levado a responsabilizar-se pela sua impotência em «fazer como os outros», pelo seu insucesso na tentativa de assimilação que, de certa forma, finge desejar; o próprio casamento fez-lhe crer que lhe começariam a dar os meios necessários para o conseguir. É assim que, por exemplo, se viu constrangido a renunciar,

«por sua vontade», aos sinais da sua eventual «normalização» («uma vez, alguém lhe ofereceu roupas de boa qualidade. Os aldeãos começaram a rir-se dele. Ele pôs as roupas num saco e airou-as ao rio. Já vê, é completamente idiota!»); isto veio confirmar aos olhos de outros — através de uma



*M. Slavov*

«maquinação» que não é senão parcialmente intencional ao nível das consciências individuais — o carácter irremediável da «incompetência social» que o marginalizava: é um imbecil.

É o mesmo ciclo vicioso que se completará quando os noivos saírem da igreja. O ciclo será fechado no último acto da tragicomédia: «depois do banquete, Alexis e a sua mulher foram para a Aldeia dos Lila-ses, a dois ou três quilómetros daqui». Mas, «Alexis tinha medo de se meter na cama com a mulher», e «no dia seguinte, os soldados [...] que estavam de folga [...] começaram a dormir com ela». Porque Iris, como a própria mãe de Alexis, era considerada simultaneamente «uma bruta» e «uma puta», analogia «externa» que se articula com a identificação interiorizada que ele próprio estabelece: «eu gostava muito dela [...], tinha a impressão que ela era como a minha mãe, que gostava muito de mim [...]; os soldados despiam-na e depois [...] eu não lhe toquei [...] levanta-va-me para lhe ir buscar flores, legumes: trazia-lhe de tudo [...]».

Da mesma forma, quando a morte lhe levou a mãe, «a quem ele queria seguir até à sepultura», Alexis ficou sozinho, quis-se casar (para a reencontrar e, finalmente, para a possuir?). Mas, também nessa altura, «quiseram roubá-la». «Quiseram»: a polícia, a administração local, que lhe «recusavam» os papéis necessários; noutros termos, a Autoridade. Iriam elas confiscar-lhe a sua Iris tal como K., o pai «desconhecido» de Alexis, se tinha apropriado da sua mãe «pela calada», tendo-se depois aproveitado dela, fazendo-lhe um filho e, como ela era simples de espírito, acabando por fazer papel de protector, fazendo crer que aquela mulher dormia com qualquer um menos com ele...?

Esta crença estabelece-se efectivamente com a partida de Iris: «alguns dias depois do seu casamento, Alexis apareceu chorando na casa de Rebeka — uma vizinha compreensiva — dizendo-lhe que os soldados lhe

tinham roubado Iris» e «uma semana mais tarde os pais de Iris vieram procurá-la para a levar de volta à sua aldeia».

Aqui também, os elementos que Alexis conota com a Autoridade, o poder e a virilidade — tal pai presente/ausente — confiscam-lhe uma companheira que ele havia acreditado ser «como a sua mãe»: os soldados — que constituem um factor quotidiano, quase permanente na vida da comunidade e que animam a aldeia com as suas leviandades eminentemente «viris» (cantos, danças, bebedeiras) — e o pai de Iris; «ao princípio (Alexis) ia duas ou três vezes por semana à Aldeia das Macieiras (onde ela nascera) procurá-la; mas o sogro tinha-o posto fora de casa. Agora, nunca mais lá vai».

Assim, o destino social de Alexis realiza-se num movimento conexo ao da «fatalidade» idiossincrásica que se encontra na razão das suas condutas: podem-se considerar os factores sociais deste processo e os que povoam a cena de fantasmas prováveis do «idiota da aldeia», funcionando como se fossem «projeções» uns dos outros; e a estreita correspondência entre o plano dos comportamentos da comunidade e o da especificidade psicológica de Alexis, revela a homeostasia do sistema de relações que o integra na sociedade em que permanece, para além da sua aparente marginalidade como elemento constitutivo.

Certamente, ele próprio contribui para a actualização dos seus fantasmas, no relacionamento com os que o reproduzem como eterno *déviant*; ele poderia ter ficado na sua aldeia de origem — Aldeia dos Rochedos — onde «ninguém o goza», em casa de Kornilios e de sua esposa, os quais «só graçam um pouco com ele». Mas ele «partiu, porque lá em baixo não é ninguém... tal como os velhos».

Ora, esse porto de paz é-lhe necessário, como se quotidianamente precisasse de renovar forças antes do «indispensável» enfrentar com a sociedade na qual ele assume a sua dolorosa função: no entanto vou lá

todos os dias...(a casa de Kornilios e de Polynexi) algumas vezes fico lá a dormir». Porém, as relações entre o «idiota da aldeia» e a «sua comunidade» são entretanto irregulares. Os meios institucionais ou informais que lhe permitem «despojar o velho homem», deixar de «fazer de idiota», modificando as suas relações, são os mesmos que, manipulados pelos seus *partenaires*, o aprisionam ao seu próprio papel. O seu casamento, segundo este ponto de vista, é a ocasião para levar este mecanismo ao seu paroxismo. Isto é, aliás, demonstrado em situações mais quotidianas ou em conjunturas menos significativas: a comunidade devolve-lhe a imagem dos seus comportamentos mais convenientes, o reflexo deformado das suas condutas, condenando-o assim a eternos «simulacros» de confirmidade às normas.

É por isso que, em troca dos serviços que presta e dos quais obtém por vezes uma refeição ou um presente, não lhe é possível receber uma remuneração justa que lhe permita normalizar os seus serviços, fazendo então um «trabalho» socialmente reconhecido: é por complacência que os seus ocasionais patrões lhe atribuem os seus méritos. É igualmente por isso que o chamam «preguiçoso» e que as crianças da escola fazem troça dele porque «toda a gente o utiliza como escravo...»

Aliás, é-lhe interdita qualquer possibilidade de «medir» os seus comportamentos e as suas atitudes no quadro das normas dominantes, nos diversos sectores da vida social, ou seja, as que regem os seus concidadãos: «às vezes não o fazem pagar despesas, mas outras vezes roubam-no, pois ele não entende nada de dinheiros. Se uma peça é maior, ele crê que tem mais valor. Mede as coisas pelo tamanho...».

Mesmo os mais dispostos a lidar com ele, ao que parece, exprimem também a ambiguidade deste esforço colectivo (não consciente?) da comunidade para o «infantilizar», o desresponsabilizar: «Quando a mãe

morreu, ele cantou — antifrase que recorda o seu desespero frenético — «já vês, ele comporta-se mesmo como um animal», graçejam os seus «protectores». Este esforço manifesta-se ostensivamente nos peditórios simbólicos a ele dedicados, o que exprime a sua integração numa comunidade no seio da qual lhe recusam qualquer outro estatuto que não seja o de «assistido». Consequentemente, se há uma solidariedade «orgânica», mais do que uma simples adequação, entre as atitudes convenientes de Alexis, as suas especificidades psicológicas e, ao nível sociológico, as práticas e as representações que os aldeãos desenvolvem a seu respeito — pois umas e outras entretêm-se reciprocamente — pode-se então dizer que Alexis está dominado por esse sistema de relações irregulares. Alexis está condenado a «fazer de idiota»: as instituições são palcos apodrecidos, cobertos de armadilhas, que lhe estendem varas com as quais só lhe resta deixar-se flagelar.

Porque, sendo a vítima de uma fatalidade «natural» — «é um débil» — e de uma filiação vergonhosa — «a sua mãe era uma puta» — ele é implicitamente tido como responsável pela sua condição de «louco da aldeia»: e é explicitamente que se censura a conduta da sua mulher, ela também idiota, «que foi um escândalo em toda a região...». É significativo que não se mencione, entre os responsáveis de um tal escândalo, os soldados que «começaram a deitar-se com ela nos campos, uns a seguir aos outros...».

E porque a «natureza» os colocou fora das normas, cabe a Alexis e a Iris o papel de lembrarem constantemente aos outros que não as transgridam impunemente, mas sim de uma forma institucionalizada; é preciso que Iris seja uma puta, pois ela é a mulher de um idiota por sua vez filho de uma atrasada, de uma transviada — assim o ciclo está fechado à volta da ordem e o casamento do idiota não passa de uma farsa que vem *confirmar os seus fantasmas*, sem os quais este processo seria impossível (ou pelo me-

nos difícil de pôr em andamento) e *confirmá-lo nas suas funções*.

Em contrapartida os soldados — instrumentos eficazes da «fatalidade» — não têm que ser julgados: eles são estranhos à comunidade e, para além disso, qualquer indivíduo do sexo masculino deve, segundo as normas, passar por esta fase de inculcação da ordem social (estádio temporário de marginalização institucionalizada face à comunidade «civil») que é o serviço militar.

Os soldados eram então os únicos a poder fazer do idiota um cornudo e da sua mulher uma puta. A tragicomédia da tentativa conjugal de Alexis só podia acabar deste modo, ao atingir o seu último acto: «o pequeno rei que cantava, que dançava, afastando-se cada vez mais... Cai agora o pano! — A rainha partiu com outros».

Estes elementos de análise da dinâmica das interações que se estabelecem entre o idiota da aldeia e os membros da sua comunidade levam a definir, como conclusão, um conjunto de vias de interpretação de ordem sociológica, psicológica e antropológica. Há, por um lado, uma relação complementar entre a actualização de uma função social determinada e as características específicas do indivíduo que é seu portador (a comunidade «encontra» em Alexis, num determinado momento da sua biografia, «qualidades psico-(pato)-lógicas adequadas a essa função, qualidades que não encontrou entre os numerosos «anormais», «doentes» ou «transviados» presentes no seu seio e que não se tornaram reconhecidos como «idiotas da aldeia»); mas há ainda uma dinâmica que produz — e reproduz sem cessar, particularmente em momentos privilegiados e através de instituições estratégicas — as condições que orientam as relações interpessoais, os comportamentos e as atitudes que mantêm aquele indivíduo num lugar definido da estrutura social e que orientam o desenvolvimento, as singularidades, de uma personalidade à qual o meio familiar condicionador da sua formação imprimiu uma marca defi-

nitiva. Importa realçar aqui dois equívocos: em primeiro lugar, insistindo sobre as interações entre a ordem sociológica e a ordem psicológica, não pretendemos, mesmo procurando dar conta da complexidade da causalidade, dissolvê-las numa argumentação dita dialéctica (o sociológico encontra o psicológico, mas o psicológico — a personalidade de Alexis — é ele próprio produto de um meio familiar devedor da sua especificidade em relação à marginalização sociológica já experimentada por sua mãe, «idiota», abusada e explorada por um patrão rico, etc., *ad infinitum*).

Esforçamo-nos unicamente por realçar o facto de o idiota da aldeia (definido pelas atitudes específicas de que é objecto e sujeito) ser ao mesmo tempo o produto do seu próprio «trabalho», consciente ou inconscientemente (reenviamos os seus comportamentos observáveis e o seu discurso manifesto aos fantasmas que apenas *por hipótese* consideramos como efeito de um Édipo não resolvido, e isto porque estamos desprovidos de meios para um processo analítico) e do «trabalho» da comunidade que tende a perpetuar as condições para o exercício de uma função à qual atribuímos uma eficácia própria na manutenção do equilíbrio social, aspecto que voltaremos a abordar.

Em segundo lugar, e estas notas esclarecerão as precedentes, a forma de exposição escolhida, que nos faz passar a todo o momento de um registo a outro — do «sociológico» ao «psicológico» — não devem criar ilusões: estamos convencidos da justeza epistemológica do *princípio de complementaridade*, tal como G. Devereux o elaborou<sup>(2)</sup> evocando os trabalhos de Bohr<sup>(3)</sup>, e tal como

---

(<sup>2</sup>) G. Devereux, *Ethnopsychanalyse Complementariste*, Paris, Flammarion, Bibliothèque Scientifique, 1972. (Em particular «Argument», pp. 9-21).

(<sup>3</sup>) Ver N. Bohr, «Causality and Complementarity», *Philosophy of Sciences*, 4. 1937, pp. 289-398.

ele próprio os aplicou à prática da psiquiatria<sup>(4)</sup>; longe de lhe ser contraditório, o nosso procedimento na exposição é uma tentativa de conformidade com tal princípio.

Assim, se tentarmos agora resumir os ensinamentos tirados do caso apresentado, podem-se identificar duas ordens *distintas* de interpretações possíveis que exporemos inspirando-nos num exemplo proposto por G. Devereux<sup>(5)</sup>.

#### A) A explicação psicológica:

Alexis procura casar com uma mulher «atrasada» e por diversas vezes manifesta ostensivamente um forte receio de que as personagens ou as instituições representantes do poder e da repressão «paternal» (o presidente da câmara, a polícia, e mais genericamente «a(s) autoridade(s)») lha «raptassem» violentamente.

Então, não faz senão evidenciar a carga de agressividade que um complexo de Édipo não resolvido (nascido de um pai que deseja incógnito, tentou seguir a sua mãe até ao túmulo exteriorizando freneticamente a sua dor) o incita a dirigir contra si próprio («procurou» suicidar-se e tentou sempre colocar-se em situação de inferioridade). Isto exprime a culpabilidade que sente face à ideia de se unir «incestuosamente» a uma mulher que tudo «permite» identificar com a sua própria mãe; culpabilidade que é igualmente manifestada pelo seu comportamento de «recém-casado» (não ousa «tocar» em Iris porque «espera» ser amado «como o foi pela mãe»). Este comportamento é *compatível* com o desfecho da sua curta experiência conjugal, na qual o que receava se tornou realidade: os viris soldados/pai (estranhos à

---

(<sup>4</sup>) Cf. o conjunto da obra de G. Devereux, e particularmente *Ethnopsychanalyse...*, *op. cit.*, e *Essais d'Ethnopsychiatrie Générale*, Paris, Gallimard, 1970.

(<sup>5</sup>) G. Devereux, *Ethnopsychanalyse...*, *op. cit.*; pp. 18-19.

aldeia; o seu pai morreu exilado) possuem sexualmente a sua mulher/mãe, e é ainda um «pai» que irá impedi-lo de, posteriormente, a tornar a ver.

A interpretação aqui esboçada constituirá o *motivo operante* da explicação psicológica.

Quanto ao seu *motivo instrumental*, estabelecendo-se-á da seguinte forma: assumir até ao fim a sua função de «idiota» era, para Alexis, a melhor maneira de fazer «funcionar» os seus fantasmas. Nas comunidades rurais estudadas, como já o demonstrámos noutras pesquisas<sup>(6)</sup> as características que podem levar a considerar alguém como o «idiota» ou o «louco da aldeia» podem definir-se, no plano da hierarquia social, em primeiro lugar pela sua origem «inferior» ou «marginal» em relação às «competências culturais»; em segundo lugar pela incapacidade, real ou suposta, em assumir uma função explicitamente reconhecida — ou seja, poder «fazer o que se faz» (quem autoriza, em certa medida, a «fazer o que não se faz»); em terceiro lugar, na lógica das representações do «anormal» ou do «desviado», pela exclusão relativa do campo da «doença mental» testada e tratada em termos médicos (o que está ligado, para além do mais, com o facto de certos «doentes mentais» serem física ou psicologicamente inaptos para as práticas sociais constitutivas do papel e «idiota da aldeia»). Ora, Alexis respondia perfeitamente às exigências desta tripla definição.

Além disso, a «utilização» da instituição matrimonial — centro das configurações culturais tradicionais e objectivo crucial das estratégias de reprodução dos grupos sociais na maioria das comunidades rurais da Gré-

---

(6) Margarita Xanthakou, «Les Images de la Folie en Péloponèse», *Peuples Méditerranéens*, 3, Abril-Junho 1978, pp. 45-58; *L'Idiot du Village en Laconie. Approche Ethnopsychiatrique Complémentariste*, tese de doutoramento do 3.º ciclo, Paris, Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais/Universidade René Descartes, 1980 (em especial, pp. 124-156).

cia moderna — apresenta aqui um sentido particular, pelo facto da existência de um forte movimento de emigração que afecta a aldeia estudada<sup>(7)</sup>.

Numa comunidade preocupada com a desorganização do mercado matrimonial consequente a esses movimentos migratórios e com as dificuldades psicológicas dos que, ao regressarem do estrangeiro, vieram encontrar enormes dificuldades, a atenção de todos concentra-se sobre os problemas do casamento: era preciso que o casamento de Alexis falhasse, o que lhe traria a oportunidade de realizar o seu projecto consciente e os seus desejos inconscientes e simultaneamente constituía uma ocasião para os cidadãos verem o seu «bode-expiatório» favorito confirmar a justeza das suas obsessões (a dificuldade do casamento «homógamo») e para actualizarem, por intermédio dele, os seus fantasmas (a união incestuosa, o «encornanço» colectivo e, mais genericamente, a transgressão dos valores mais sagrados — lembremo-nos por exemplo da lapidação comum dos recém-casados *e do padre*) reactivando *a contrário*, em condições privilegiadas, a eficácia da conformidade colectiva das pessoas «normais» e reconduzindo o «Idiota da Aldeia» a funções ainda mais acentuadas pelo seu novo rótulo de «cornudo».

Este é portanto o artesão da sua própria «perda». Não podemos deixar de referir os dados culturais gerais que seria necessário recolocar no campo de filiações históricas e de perspectivas comparativas sistemáticas, as quais não mencionamos de momento senão a título de uma hipotética abertura.

Não só lhe «põem os cornos», o que invoca, por antifrase, a virilidade dos que o ridicularizam, fazendo dele um palhaço mas-

---

(7) Ver, sobre este ponto, B. Vernier, «Emigration et Dérèglement du Marché Matrimonial (Émigration et Célibat en Grèce)», *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 15. Junho. 1977, pp. 31-58.

carado com chifres para o Carnaval; não só o lapidaram simbolicamente como se fosse o *Farmakos* da Antiguidade, mas ainda, tal como o Trikster, o magano que encontramos nos mitos e contos de numerosas populações primitivas; tentou ainda ter relações sexuais incestuosas e, para além disso, é um marginal itinerante, um vagabundo (não é verdade que foi um desses «passeios» que introduziu Alexis nesta comunidade, tornando-o um «respeitável» chefe de família?) que finalmente encontrou poiso.

#### B) A explicação sociológica:

*O seu motivo operante é o motivo instrumental da explicação precedente: a comunidade «serviu-se» da especificidade «nevrótica» de Alexis, para o «produzir» como «Idiota da Aldeia», para reproduzir as relações sociais nas quais ele ocupa um lugar determinado, e para assegurar a perpetuação da função que só ele pode assumir.*

A escolha do nosso modo de exposição resulta então da tentativa de conciliar duas exigências: quanto ao conteúdo, proceder segundo um processo de tipo complementa-rista, mas, quanto à forma, evocar, por um lado o processo pelo qual os acontecimentos interpretados em referência a uma estrutura de relações sociais tomam um sentido no seio de uma estrutura psicológica, e por outro a relação de desigualdade que o desenrolar deste processo põe em evidência.

A comunidade produz e reproduz o louco da aldeia, o qual serve ele próprio a comunidade de forma a reproduzir os seus fan-

tasmas; mas o poder de forçar este acontecimento a adquirir um sentido dominante reside em última instância na colectividade «normal», pois esta tem uma capacidade de manipular as instituições às quais, por definição, o desviado não tem acesso. Por mais intensas que tenham sido as intenções conscientes e as motivações inconscientes que levaram Alexis a casar com a mulher amada e, através desse casamento, punir-se por desejar a própria mãe, ele não o teria «conseguido» assim tão magistralmente se tal não correspondesse às «necessidades» da sociedade aldeã no seu conjunto; em contrapartida, fosse outra a natureza das suas «desordens» psíquicas, o comportamento dos soldados com a sua esposa — para além de todos os acontecimentos anteriores — seria provavelmente suficiente para fazer de um tal «cornudo» motivo de risota para todos: um «Idiota da Aldeia» em potência.

#### RESUMO

*A autora apresenta-nos neste artigo uma análise etnopsiquiátrica do personagem «O Idiota da Aldeia», sugerindo duas vias de interpretação, uma psicológica e a outra sociológica. Realça ainda a tripla função a que o «Idiota da Aldeia» deve corresponder para ser «escolhido» como tal e que tem a ver com a sua origem relativamente às «competências culturais», as suas particularidades psicológicas situadas fora do campo da «doença mental» e a sua incapacidade em assumir uma função socialmente reconhecida.*